

## UTOPIAS E DISTOPIAS DA SAUDADE: DAS PRIMEIRAS SEMENTES ATÉ ÀS NOVAS SEARAS

Luísa Borges

“Para a radical imobilidade da nossa vertiginosa vida e para o gritante silêncio com que chama absurdamente por si mesma, onde encontraremos uma mais sensível figura que nessa Saudade em que o mesmo Pascoaes resumiu o nosso ser profundo?”<sup>1</sup>

Eduardo Lourenço

Gostaríamos de iniciar a nossa reflexão por meio de uma frase de António Sérgio, num dos seus primeiros artigos que abre a polémica com Abel Salazar, aparentemente acerca da vulgarização do conhecimento filosófico, polémica esgrimida entre as páginas da *Seara Nova* e do *Sol Nascente*: “(...) o primeiro passo da iniciação filosófica consiste no descobrimento da palavra *talvez*”<sup>2</sup>, escreve Sérgio, no calor da liça. Será, pois, sob a égide deste sublinhado *talvez* sergiano que intentaremos discorrer acerca da Saudade e da sua relação com duas das revistas que, porventura, mais duradoura e continuamente marcaram o início do século XX: *A Águia* e a *Seara Nova*. Acresce a significativa nota, de monta, que esta influência se fez não só pelos temas que estas revistas abordaram, em completa e, por vezes até, antecipada sintonia com os ventos temperados ou tempestuosos de mudança que, ao tempo, variam a Europa; que se manifestou esta influência funda na sociedade portuguesa pelo vasto número de leitores que estas publicações tocaram; bem como pela sua enorme longevidade no tempo.

Como tem sido já muito referido por vários estudiosos destas publicações<sup>3</sup>, ambas estavam imersas no mesmo caudal espumoso e fervilhante de ideias filosóficas e de movimentos sociais europeus, seja de carácter mais direta-

---

<sup>1</sup> Eduardo Lourenço, *Tempo e Poesia*, Lisboa, Relógio d'Água Editores, 1987, p. 37.

<sup>2</sup> António Sérgio, “Pequeninos pontos que o acaso vai trazendo, e que submeto à meditação de jovens amigos que planeiam uma obra de vulgarização”, in *Seara Nova*, n.º 510, 20 de Maio de 1937, p. 104.

<sup>3</sup> V., por exemplo, António Rafael Amaro, “A Seara Nova e a resistência cultural e ideológica à ditadura e ao Estado Novo (1926-1939)”, in *Revista de História das Ideias*, Vol. 17, 1995, pp. 405-438; Manuel Joaquim Rodrigues FITAS, *Seara Nova – Tempos de mudança... e de perseverança*, (1940-1958), Universidade do Porto Faculdade de Letras, 2010; Carlos Morujão, “Algumas notas sobre o idealismo de António Sérgio: Gnosiologia, Metafísica e Política”, in *Theologica*, 2.a Série, 45, 2, 2010, pp. 393-409.

mente político, como a Revolução Francesa e o emergir das causas republicanas, seja de carácter económico e social, mais radical ou reformista, como o advento dos materialismos, do socialismo e do comunismo, seja de carácter mais diretamente pedagógico, como, na esteira do racionalismo iluminista, e do criticismo que, conjugados com uma visão mais existencial da condição humana, exigiam a necessidade da reforma dos sistemas de ensino, clamando por uma Escola Nova – o que significava não apenas uma nova atitude face ao conhecimento, como à sua posse e divulgação. Existiu, pois, uma espécie de sistema de vasos comunicantes entre as duas publicações que se consubstanciou numa partilha colaborativa, umas vezes solidária, outras, corrosiva, numa circulação de propósitos – sendo, porventura, os mais evidentes, os da continuação do movimento cultural e político da Geração de 70 e, em particular, do ideário utópico e socializante de Antero de Quental, - e, ainda, de continuar a operar os ideários pedagógicos, críticos, reformadores e educativos iniciados pela Revolução Republicana e os primeiros tempos do Regime Republicano. Propósitos e causas aparentadas que possibilitaram a circulação de autores entre as duas revistas e foram, também, a causa de múltiplas polémicas e embates.

Não obstante, a intenção reflexiva que aqui nos traz, centra-se na Saudade, entendida como “matriz arquetípica”, isto é, linearmente entendida como “mito” ou ponto de vista especulativo, operando dentro de uma lógica com uma simbólica própria, diversa da linearidade causal de uma narrativa histórica de pendor analítico. A presentificação ontológica da Saudade como “matriz arquetípica” da cultura portuguesa acontece por meio da repetição, da recorrência e da insistência pendular dos seus “mitemas”. A presentificação destas manifestações tanto acontece sob formas apologéticas, como sob formas ora distorcidas ora invertidas de imagens reactivas ou de contra-imagens, como observou Eduardo Lourenço no *Labirinto da Saudade*<sup>4</sup>. Aparentemente, *A Águia*, como voz activa e plural do movimento da Renascença Portuguesa transporta dentro de si já as sementes de polémicas e dissidências futuras, evidentes na retórica dos oxímoros, presentes nos diferentes manifestos que inauguram este movimento, em particular os de Teixeira de Pascoaes e de Raul Proença e na polémica epistolar esgrimida por Teixeira de Pascoaes e António Sérgio, acerca do Saudosismo. Por um lado, *A Renascença* e a *A Águia* continuavam os lúcidos ideais realistas, críticos e hiper-racionalistas da Geração de 70, na sua reação ao

<sup>4</sup> Eduardo Lourenço, *O Labirinto da Saudade*, 2 ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1982, p. 35.

ultra-romantismo – que Eça popularizou caricaturalmente n’*Os Maias* na personagem de Tomás de Alencar – e continuavam, também, o ideário da primeira República Portuguesa, partilhando o fascínio de alguns dos seus protagonistas pelo positivismo e pelo cientismo. Todavia, por outro lado, muitos dos colaboradores e redactores d’ *A Águia*, embora informados das mais recentes descobertas e teorias científicas e da mais elaborada evolução tecnológica e industrial, estão igualmente fascinados pelos movimentos reactivos, eivados de utópico Romantismo, de irracionalismo, de vitalismo e de intuicionismo.

A Saudade, como estrutura arquetípica central e total da cultura portuguesa assentaria os seus alicerces numa topologia geográfica, um determinado território físico ou a sua representação imagética e também fantasmática – espacial, portanto – e numa axialidade temporal, necessariamente longa, acompanhando a origem e a duração da constituição de Portugal enquanto estado-nação. Deste modo, tanto a Renascença e *A Águia*, quanto a *Seara Nova* procurariam reconstruir ou refazer a narrativa de uma origem e de um caminho para a Cultura nacional que implicaria não apenas uma revisão, mas a reconstrução de uma memória ou do refazer de uma linha-gem fundadora e matricial. Neste ponto, a Geração de 70 e, em particular, a figura de Antero de Quental, assumiria o papel de eixo central irradiante de sentido, mas, também de enigma disruptivo, na medida em que seria um dos fios principais tecidos desta urdidura, em particular por se ter sobre ele debruçado António Sérgio.

Estaríamos aqui, para empregar a terminologia de Gilbert Durand e também de Pascoaes em pleno *reino do imaginário* ou, num *lugar de espelhos*, segundo a terminologia de Lima de Freitas. Estamos entre revistas, entre gerações, mas, de igual modo, *entre saberes*, num labirinto a que Eduardo Lourenço chamou *da saudade*. Um labirinto onde cada autor, cada exegeta, cada filósofo busca pelo sentido ou pelo caminho particular que o conduzirá ao saber do todo. É o próprio António Sérgio que parece confirmar as teorias e análises de Gilbert Durand quando interpreta a obra e a vida de Antero de Quental de acordo com aquilo a que Durand chama *os dois regimes: o noturno e o diurno, que, por sua vez, actuam um sobre o outro recriando três polaridades: a mística, a heróica e a cíclica*, segundo Durand:

Todo o imaginário é articulado pelas estruturas irredutivelmente plurais, mas limitadas a três classes gravitando em torno dos schèmes matriciais do

‘separar’ (heróico), do ‘incluir’ (místico) e do ‘dramatizar’ – suspender no tempo as imagens numa narrativa – (disseminatória)<sup>5</sup>.

Maneira específica ou humana de proceder narrativamente, numa antropologia que, segundo Pascoaes, no *Homem Universal*, se deixa descrever numa ontologia e numa linguagem metalógica que corresponderia à noção *A e NÃO A*.

Por estas razões cremos que a análise de Sérgio à obra de Antero de Quental continua actual e é particularmente certa, interessante e significativa, pois se situa no centro mesmo de todos os turbilhões e de todas as polémicas e equívocos que giram e continuam a girar em torno das relações entre renascentistas e seareiros. Assim, segundo Sérgio, estaria *A Águia* - e o Saudosismo - mais próxima de um regime ou de uma narrativa nocturna<sup>6</sup> - e tardo-romântica - do destino ou do *fatum* português; porquanto a Seara e o seu racionalismo crítico estaria mais próxima de um regime ou de uma narrativa diurna, que mais do que *fatum* se pretenderia *factum*? Não obstante, Saudosismo e Saudade são distintas coisas, sendo o primeiro o movimento cultural ou a duração de um *instante* ou de um *momento*, balizado no tempo e no espaço, ao passo que a Saudade seria o arquétipo matricial ou o labirinto imagético ou de espelhos correspondendo à trama maior atemporal de que o Saudosismo seria apenas um dos fios.

A *Seara* busca, então, uma narrativa que visa uma reconfiguração espacial e temporal para a cultura portuguesa fazendo jogar o imaginário com duas representações polarizadas, aparentemente opostas: o espaço nacional volve-se num espaço regional, quando visto em oposição a um espaço internacional constituído por nações europeias e culturas europeias, tais como as de língua francesa, alemã ou inglesa. As poucas cidades ‘desenvolvidas’, ou as únicas que podem ser vistas como polos de algum desenvolvimento, são representadas como opostas a representações de grandes centros urbanos, necessariamente mais cosmopolitas. A linha do tempo

<sup>5</sup> Gilbert Durand, *L'imaginaire*. Essai sur les sciences et la philosophie de l'image. Paris, Hatier, 1994, p. 26. Citado a partir de Alberto Filipe Araújo; Maria Cecília Sanchez Teixeira, «Gilbert Durand e a pedagogia do imaginário», in *Letras de Hoje*, Porto Alegre, p. 7-13, out./dez. 2009.

<sup>6</sup> “Regime Diurno (estruturas esquizomorfas) e Regime Noturno (estruturas sintéticas e místicas)”, Gilbert Durand, *Les structures anthropologiques de l'imaginaire*. 10. éd. Paris, Dunod, 1984. Anexo II, p. 506-507. Citado a partir de Alberto Filipe Araújo; Maria Cecília Sanchez Teixeira, «Gilbert Durand e a pedagogia do imaginário», in *Letras de Hoje*, Porto Alegre, p. 7-13, out./dez. 2009.

procura linhagens outras: de gerações de ‘estrangeirados’ isto é, de filósofos que não tinham aqui espaço porque eram fora e além do seu tempo. Neste contexto, a Saudade é vista como uma emoção que teria a sua razão de ser num adequado tempo histórico, o tempo das Descobertas, segundo Sérgio, daqui a sua famosa explosão: *de que têm saudades vocês todos?*, simbolicamente dirigida a Pascoaes. Para além da óbvia constatação hiperracionalista segundo a qual uma emoção não tem estatuto de ideia estruturante de pensamento, o que aqui interessa constatar é que a linha do tempo é entendida como um desenrolar para a frente, o instante não é o passado nem o agora, mas o futuro. E a Saudade deveria, então, como um fantasmático espectro do passado, desfazer a sua lembrança e polarizar-se apenas em esperança futurante. Toda a expressão saudosa, necessariamente amarga e infeliz, se deve volver, por um ditame racional da vontade, na expressão de um desejo.

Contudo, a Saudade como matriz, a saudade como origem continua lá no território ou espaço físico português com a sua duração, a sua linha temporal de 800 ou de 900 anos históricos ou com a sua duração milenar e pré-histórica, com o seu paraíso perdido alocado ao tempo da resistência ao Império Romano, à fundação da nacionalidade, à Idade Média e à sua monarquia municipal ou ao tempo dos Descobrimentos e de ínclitas gerações de reis e de príncipes... Com, também, o seu cortejo de afrontas e humilhações recentes, como a perda da independência nacional em Alcácer Quibir ou como, a perda do lugar e do papel de Portugal no grande palco da política internacional de que o ultimato seria o *momento* – ou a situação-limite - simbólico. Podem, por essa razão, seareiros e renascentistas procurar nesse labirinto a representação espelhada tópica, fantasmática ou espectral que melhor refaz a linha narrativa que interessa expurgar ou prosseguir... “Espectros” é, aliás, uma expressão recorrente dos *Ensaíos* de Sérgio, quando se refere, por exemplo à exploração ou colonização romana peninsular ou ao domínio do latim na educação.

O problema é uma questão de escolha de imagem ou de representação, é, pois, um problema de simbólica e de linguagem. A pecha, segundo a óptica seareira, d’ *A Águia* tem a ver, também, com a linguagem, romântica, ainda ou tardo-romântica, a *velha linguagem de liteira*, de que nos fala, a nós, os *leitores amigos*, Pascoaes, na *Beira num Relâmpago*, ou mesmo na sua citação nas páginas da *Seara Nova*, quando as palavras de Pascoaes escolhidas pelos seareiros são: “Pensar é ver em abstracto”<sup>7</sup>... *A Águia*,

---

<sup>7</sup> Teixeira de Pascoaes, *Seara Nova*, N.º 1144-1145, 10-17 de Dezembro de 1949, p. 262.

apesar do seu enraizamento nacionalista ou mesmo regionalista aspiraria a uma visão mais de altitude metafísica essencialista; a *Seara*, por escolha *Nova*, reafirmaria nesse título todo um programa de pertença à terra física, lançando novas sementes para novas searas económicas, sociais e políticas. Para o Saudosismo d' *A Águia* e, em particular, para *A Águia* da Saudade de Pascoaes, apesar da análise de Sant'anna Dionísio que nas páginas da *Seara* lhe reconhece um “profundo pensamento”<sup>8</sup>, a tendência interpretativa que tenderia a perdurar seria, apenas a de considerar a Saudade como uma estética. Embora criticando ainda, na concepção da Saudade de Pascoaes, a sua exclusividade de pertença à cultura portuguesa, Sant'anna Dionísio procura relançar a reflexão chamando a atenção para dois aspectos relevantes: a universalidade da ideia-sentimento da Saudade concebida, assim, como experiência radical de exílio, não apenas para Portugal, mas para a condição humana. Interessa aqui notar que a análise de Sant'anna Dionísio, apesar de ser certa, não deixa de evidenciar alguma contradição que, porventura, a proximidade temporal relativa à obra e vida de Pascoaes e à *Seara Nova* operariam.

Não obstante, os mitemas repetidos na *Seara*, não especificamente referidos à Saudade, evidenciam metáforas alocadas à Saudade e às suas coordenadas imagéticas espaciais e temporais – agrícolas, até de cultivo, sementeira e ceifa, - metáforas que aliás continuamos a encontrar, mesmo na fase bem posterior da *Seara*, mais ligada politicamente à resistência e à doutrinação política. O que pode ser visto como a permanência de formas de continuidade que sobrevivem, resilientemente, nas mudanças pretendidas. Aquém e para além da geografia tópica da Saudade, existe uma literal ‘arquetipologia’ que é de natureza temporal ou climática. Do ciclo da noite ou de um Solstício de Inverno com seu cotejo de representações imagéticas e linguísticas românticas e do ciclo do dia, iluminado pela luz da razão ou de um Solstício de Verão. Não obstante, todo o tempo climático é, também, de transformação, de mudança e de transição ou de metamorfose equinoctial. Daqui a inclusão de poemas de Pascoaes na *Seara*, nomeadamente o poema “Os cavadores”<sup>9</sup>, que poderia quase ser visto como uma profetização metafórica do trabalho educativo da *Seara*: “Que a seara floresça em ondas de alegria”, lemos nos versos de Pascoaes.

---

<sup>8</sup> Sant'anna Dionísio, “Teixeira de Pascoaes”, in *Seara Nova*, N.º 1144-1145 | 10-17 de Dezembro de 1949, pp. 261-263.

<sup>9</sup> Teixeira de Pascoaes, “Os Cavadores”, in *Seara Nova*, N.º 35, 15 Maio, 1924, p. 218

A ideia de uma Saudade ‘Criação’ para a qual nos chama a atenção Eduardo Lourenço, na sua interpretação da obra de Pascoaes em *Tempo e Poesia*, porventura resolveria estas polarizações que vimos referindo. Esta seria uma representação arquetípica de uma Saudade que não seria nem “apenas a disposição anímica prevalente da nossa particular existência”, nem “a mera complacência pelo nosso passado”, mas antes configuraria uma entidade, chamemos-lhe assim, arquetípica, a um mesmo tempo singular e universalizante, porque existencial e humana:

A Saudade é a sensível existência humana, a si mesma inacessível e próxima. Inacessível porque próxima. Como a de Teseu, a nossa circular aventura decorre num labirinto buscando o dono dele, desde sempre aí esperando-nos, mas impossível de tocar se para ele não nos encaminham os fios do amor e da esperança.<sup>10</sup>

Sempre que, paradoxalmente, a Saudade se torna tópica, enraizada no presente, isso significa que ela polariza nesse momento lembrança *ou* esperança, que projeta reflexos do passado *ou* do futuro afirmando *ou* negando, excluindo, quer um, quer outro; condição infinita de possibilidades distópicas. Isso decorre da sua natureza de ser veículo ou forma de meditar o Tempo, habitando o espaço. Neste sentido, quanto mais remota é a Saudade, mais Saudade do futuro é. E vice-versa. Essa *coincidentia oppositorum* decorre da sua natureza de ser simultaneamente ‘Criação’ e ‘criatura’, lembrança *e* esperança, passado *e* futuro, numa inclusão paradoxal. *Ad infinitum*? Condição utópica de possibilidades infinitas que a geração da revista *Orpheu* tentará realizar. Pois a Saudade, enquanto Tempo, é essa entidade misteriosa a que Espinosa, autor caro, tanto a Pascoaes, quanto a António Sérgio descreveu como “A duração [que] é a continuação indefinida da existência”<sup>11</sup>. Como se fosse a Saudade uma criatura eternamente ocupada na tarefa de se Criar ou, melhor dizendo, *e* de se desnascer.

### Referências bibliográficas

- Amaro, António Rafael “A Seara Nova e a resistência cultural e ideológica à ditadura e ao Estado Novo (1926-1939)”, in *Revista de História das Ideias*, Vol. 17, 1995.
- Araújo, Alberto Filipe; Teixeira, Maria Cecília Sanchez, «Gilbert Durand e a pedagogia do imaginário», in *Letras de Hoje*, Porto Alegre, p. 7-13, out./dez. 2009.

<sup>10</sup> Eduardo Lourenço, *Tempo e Poesia*, 1987, Relógio d’Água editores, p. 37.

<sup>11</sup> Bento de Espinosa, *Ética* (tradução de Joaquim de Carvalho, Joaquim Ferreira Gomes e António Simões), Lisboa, Relógio de Água, 1992, p. 198.

- Espinosa, Bento de, *Ética*, tradução de Joaquim de Carvalho, Joaquim Ferreira Gomes e António Simões, Lisboa, Relógio de Água, 1992
- Dionísio, Sant'anna, "Teixeira de Pascoaes", in *Seara Nova*, N.º 1144-1145 | 10-17 de Dezembro de 1949.
- Durand, Gilbert. *Les structures anthropologiques de l'imaginaire*. 10. éd. Paris, Dunod, 1984.
- Durand, Gilbert. *L'imaginaire. Essai sur les sciences et la philosophie de l'image*. Paris, Hatier, 1994.
- Fitas, Manuel Joaquim Rodrigues, *Seara Nova – Tempos de mudança... e de perseverança, (1940-1958)*, Universidade do Porto Faculdade de Letras, 2010.
- Lourenço, Eduardo, *O Labirinto da Saudade*, 2ª ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1982
- Lourenço, Eduardo, *Tempo e Poesia*, Lisboa, Relógio d'Água Editores, 1987.
- Morujão, Carlos, "Algumas notas sobre o idealismo de António Sérgio: Gnosiologia, Metafísica e Política", in *Theologica*, 2.a Série, 45, 2, 2010.
- Pascoaes, Teixeira de, "Os Cavadores", in *Seara Nova*, n.º 35, 15 Maio, 1924.
- Sérgio, António, "Pequeninos pontos que o acaso vai trazendo, e que submeto à meditação de jovens amigos que planeiam uma obra de vulgarização", in *Seara Nova*, n.º 510, 20 de Maio de 1937.